



A produção teórica e crítica de Fernando Pessoa estabeleceu-se através das absorções multiculturais e multidisciplinares. Esse exercício revelou o sintoma intelectual sincrético e a inclinação heurística pessoana. Inúmeros saberes foram incorporados, porém, de maneira recriadora o escritor os reinterpretou, cujo resultado converteu-se nos textos, nos apontamentos, que trataram das disciplinas: Filosofia, Teosofia, Psicologia, Literatura, Estética, Política, Economia e Astrologia. A convivência multidisciplinar carregou, também, a construção multicultural e nesse rastro incorporou-se, constantemente, a missão espiritual-artístico-literária, que consolidou a entrega iniciático-esotérica desse escritor. Um exemplo foram os conteúdos do artigo “A Maçonaria”, onde se vê a defesa pessoana em favor das Ordens Secretas.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; multicultural;
multidisciplinar.

The theoretical and critical production of Fernando Pessoa established itself through the multicultural and multidisciplinary absorptions. That exercise revealed the syncretic intellectual symptom and the heuristic inclination of Pessoa. Countless forms of knowledge were incorporated, however, the writer reinterpreted them in a re-creational manner, the result of which became the texts, in his notes that dealt with the subjects: Philosophy, Theosophy, Psychology, Literature, Aesthetics, Politics, Economy. The multidisciplinary coexistence also carried the multicultural construction and in this track it incorporated, constantly, the artistic-literary spiritual mission, that consolidated the writer's initial-esoteric delivery. One example was the contents of the article “A Maçonaria”, where the Pessoaan defense in favor of Secret Associations can be seen.

Keywords: Fernando Pessoa; multicultural; multidisciplinary

Fernando Pessoa

Um Trajeto Multicultural e Multidisciplinar

Josenia

Marisa Chisini

Professora de
Literatura Portuguesa
e de Literatura
Brasileira – UFMS

A Cultura não tem pátria porque tem todas
(Fernando Pessoa - In *Espólio* E 3 54 - 4)

A força movente do trajeto heurístico de Fernando Pessoa atravessou o movimento intelectual da sua produção teórica e crítica, resultando um processo extraordinário de agregações multidisciplinares que foram reformuladas e reinterpretadas. De outra parte, a intencionalidade iniciático-espiritual do escritor exigiu uma articulação intelectual de concepções cosmológicas, partindo de um contraponto dialético e sincrético, que se nutriu, sobretudo, das disciplinas da Religião, Filosofia, Sociologia, Estética e Antropologia. Compreensível é ver-se nos seus textos críticos as categorias mítico-filosóficas de Platão e os conceitos de Aristóteles, sendo transformados em outros níveis reinterpretativos. Nesse eixo filosófico, Pessoa sustentou uma interação de pesquisas voltadas a repensar os conceitos do “universal, do particular e do individual”, circulando numa proposta holística, que repercutiu na criação da estética sensacionista e nos seus geniais textos literários.

Permanentemente, Fernando Pessoa reiterou nos seus escritos os princípios do “Todo, do Infinito e do Nada”, principalmente, inseridos às articulações artísticas.

Impulsionado por uma personalidade dividida em heterônimos, ou seja, na instituição de várias personalidades escriturais e autônomas, os seus discursos contêm essas particularidades que entredialogam e se misturam entre si. A pluralidade das suas idéias fez com que o escritor estudasse as disci-

dos sobre o “Drama em Gente”, que é uma prova intencional da interatividade psíquico/multicultural, mediante a fragmentação da personalidade autoral pessoana do “eu em outros”. Nessa alteridade escritural e sintomática constituiu-se a obra-prima dos heterônimos, assinada pelas escrituras de Alberto

Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, António Mora, Julião, o apóstata, Raphael Baldaya e Pero Botelho. Observam-se nessas fontes,

Se percorrermos a biblioteca particular de Fernando Pessoa verificaremos a confirmação da formação multicultural do poeta.

plinas da Geometria não-euclidiana; interpretasse a posição dos astros e por isso entendia de horóscopos, que lhe serviram de índices para a criação de suas obras poéticas. Como tradutor de obras teosóficas, o poeta adquiriu os iniciais conhecimentos exotéricos que penetraram na sua iniciação espiritual e nas suas estimulantes críticas. Logo, a religiosidade multifacetada não pode ser separada da crença da imortalidade da alma, sempre reiterada por Fernando Pessoa, pelos seus heterônimos e pelos pressupostos filosófico-panteístas desenvolvidos nas teorias culturais e estéticas. Se percorrermos a biblioteca particular do escritor conservada na Casa Fernando Pessoa, verificaremos no arrolamento desse acervo bibliográfico, registrado na revista *Tabacaria* de 1996, a confirmação da formação multicultural do poeta, distribuída no conjunto temático dos 1200 volumes. Os livros são pistas enriquecedoras do caminho sincrético percorrido pelo escritor, cujas leituras foram compartilhadas pelo seu processo hermenêutico e recriador de idéias, que lhe conferiu um trajeto heurístico.

O desdobramento da escritura de Fernando Pessoa foi esclarecida de maneira autobiográfica, nos dados inferi-

tes, não só literárias, as matérias filosóficas, que se constituíram nos textos teóricos, políticos e estéticos. A inesgotável capacidade intelectual/espiritual pessoana verteu o fato histórico, através do efeito reinterpretaivo, proposto na desconstrução dos pré-conceitos e dos dogmatismos. Os cânones artísticos, científicos e históricos foram revisitados e recompostos em outras dimensões, nas quais se originaram as análises críticas e o aprofundamento genial das idéias de Fernando Pessoa, que servem de consultas aos pesquisadores, não só das áreas artísticas, mas das sociais, educacionais e econômicas.

O escritor utilizou a metáfora da “viagem” para caracterizar o seu estilo itinerante, revisitor e reformulador de idéias; entregou-se aos estudos e às leituras realizadas em torno de 15 civilizações, tanto remotas como modernas, cujo resultado estabeleceu-se numa prática exegética da compreensão de uma visão multicultural. Assim, o conceito de *Weltanschauung*, inaugurado por Goethe, servira de bússola ao conjunto das reflexões emitidas por Pessoa, e sobretudo, pelos seus emissários: o filósofo António Mora e o poeta e teórico de inspiração clássica, Ricardo Reis. Por conseguinte, a intencionalidade filosófi-

ca ficara reconstruída nos textos neopagãos, na irrigação espiritual e estética contida na filosofia do “panteísmo transcendental”. Essa via matizada de demandas teosóficas e filosóficas permitiu a Fernando Pessoa cultivar o “fundo comum primacial”, inerente à constituição das raças, das religiões e das relações culturais.

Pensar Pessoa é ir ao encontro de uma entrega ritualizada, na qual as vestes do saber são despidas, as máscaras das sociedades são retiradas e os lugares comuns cedem a sua espaço-temporalidade a inúmeras possibilidades interpretativas. Essa inesgotável criação ultrapassa o portal intelectual, ultrapassa o imaginário artístico, porque Pessoa fundira a capacidade intelectual / criadora, lembrando Platão e Plotino, perante os propósitos espirituais vinculados à alquimia teosófica. A vocação humanista e a alma irrequieta de Pessoa propiciou a multiplicação da sua *coterie* heteronímica, em que ressurgiram as almas literárias, as multifacetadas dramatizantes dos seus escritores, que desempenharam o “Drama em Gente”.

O desejo de Pessoa voltado ao progresso cultural da vida lusitana surgiu nos seus textos críticos, inaugurados em 1912 e editados na revista *A Águia*, sob o título “A Nova Poesia Portuguesa”. O amadurecimento intelectual ocorrera ao lado do seu talento visionário, demonstrado nos prognósticos assombrosos do “Super-Camões”, que culminaram no exuberante projeto do “Quinto Império”. Por consequência dessa inclinação, Pessoa registrou as suas propostas literárias e culturais considerando a inter-relação da cultura lusa com os processos

civilizacionais, integrados aos avanços da “internacionalização” entre as nações. Essa atividade monumental possuía um ritmo dialógico, no qual interagiram os princípios contextuais históricos, movidos pelas inclinações sincréticas da própria caminhada teórico-literária vivenciada por Pessoa. Através dos fragmentos elaborados, provavelmente no ano de 1924, sob a rubrica – “O Poeta e a Cultura” e “Da Palavra”, títulos que enfeitam a obra pessoana, já que eles foram colocados pelos seus compiladores¹, a fonte cultural serviu de base para o exercício comparatista, que movimentou a dialética da convergência dos elementos diversos. No filtro plasmador desse pensamento salientou-se a interatividade dos conhecimentos da Sociologia com a Psicologia, cujos conteúdos propiciaram o exercício teórico da *Weltanschauung*; comprometida no resgate das fontes religiosas e espirituais, absorvidas na tradição pagã. Portanto, esse era o “fundo comum” que interagiu na história, na cosmologia das 15 Nações revisitadas pelas articulações de Fernando Pessoa.

A fonte cultural serviu de base para o exercício comparativista que movimentou a dialética da convergência dos elementos diversos.

A interpretação das concepções multiculturais confirma-se na percepção holística, quando nessas fontes introjetasse a *gnosis* vinculada à Teosofia, elementos registrados, permanentemente, nas apreciações teórico-estéticas, e sobretudo, nas realizações literárias da arte pessoana. Para pontuar essa intenção, recorreremos à insistente influência esotérica de Pitágoras, e especificamen-

¹ Fernando Pessoa. *Obra em prosa*, pp. 226, 261.

te à de Pimandro, presente no Espólio de Fernando Pessoa, no papel encimado 54^A-29: -“o que está em baixo é como o que está em cima”. A comunicação interativa com os planos divinos e terrenos tem a sua origem nas relações hermético-religiosas, ensinadas por Pitágoras, que utilizara os estudos matemático-musicais dos “sons das esferas”, para demonstrar a correspondência do funcionamento da harmonia celestial na humanidade e nas formas arquitetônicas. Esse ensino equalizador, balizado nos valores espirituais desenvolvidos pelos ocultistas foi reaproveitado nas pesquisas herméticas de Pessoa, ao elaborar os princípios do sensacionismo integrados aos textos literários.

Pensando-se o conjunto dessas experiências, podemos compreender o escritor português e o seu vasto repertório de mensagens literárias, dramáticas, políticas e espirituais. Em 1935, o ano do falecimento de Pessoa, também traz a marca documental da síntese do pensamento multicultural, vista nas análises da “Explicação de Um Texto: [Mensagem]”, onde estão delineadas a origem espiritual da cultura europeia; os conceitos político-sociais que deveriam nortear a construção das nações

Pessoa repensara os conceitos e a vida política através do papel das Nações. Para o escritor, os conceitos de “Nação” e de “Indivíduo” mereceram análises, posições teóricas vinculadas às relações sociais e psicológicas. Por isso, as peculiaridades desenvolvidas pelos povos não se restringiam, apenas, às questões territoriais, pois segundo Pessoa, nem sempre “as fronteiras são as que deviam ser” [sic]. Este mote aforístico lembrava as interligações lingüísticas, os parentescos históricos entre as nações, visto que na diversidade e na diferença revelava-se a possibilidade de se apreender o “Todo”, o “fundo comum”, sempre demarcado em todas as nações. A visão da cosmogênese interagiu nas questões político-internacionais, logo, o conceito de “Nação” simbolizava um “tronco”, algo comum, do qual provinham as nações. Assim, a metáfora conceitual do “tronco” sobrepunha-se ao conceito de “raiz”. A partir dessa analogia compreende-se as manifestações diferenciais sinalizadas no conceito de “Indivíduo” e por coextensão, na categoria de “Humanidade”², elaboradas por Pessoa.

Nesse contexto social, a importância pedagógica é realçada nas referências do projeto de “Nação” constituído pela “Escola”, que detinha as potencialidades educadoras a serem realizadas pelo “Indivíduo”, sendo este o representante dos sen-

tidos da Humanidade. Observamos a recomendação exposta pela prevalência das sensações, efetivando-se na elaboração das idéias políticas transpostas às reflexões do ideário da estética sensacionista, desenvolvida pelo movimento do Modernismo de *Orpheu*. Essa conjunção de saberes culturais

A defesa às Ordens Iniciático-Religiosas estampa-se nas idéias de Pessoa, revelando respeito à dignidade do homem e à liberdade do espírito.

e dos povos. A defesa às Ordens Iniciático-Religiosas estampa-se nas idéias de Pessoa, revelando um comprometimento, um reconhecimento aos princípios de respeito à dignidade do “Homem” e à liberdade do “Espírito” – estes compartilhados no “individualismo fraternitário”.

exemplava-se na função conceitual da “Escola”, que operava os valores formativos, revertidos na construção de uma “Super-Nação Futura”. É de se notar que este conceito utópico rememorava as pregações ideológicas do Pe. Antônio Vieira, explicitadas nos referenciais proféticos do projeto universal, denominado de “Quinto Império”. Entretanto, vale a pena ressaltar os aspectos diferenciais da educação messiânica proposta pelo Padre Jesuíta, que cultivava o “Quinto Império Universal da Fé”, enquanto Fernando Pessoa difundia a realização de uma educação voltada ao projeto do “Quinto Império Cultural”. Constatou-se que o escritor de *Mensagem* propunha o aprimoramento da *praxis*, estabelecendo a integração multicultural e multidisciplinar circunscritas na formação da “Nação”. Com essa proposta, Portugal não cairia no “universalismo humanitário” e nem na “brutalidade do nacionalismo extra-cultural”, visto que toda imposição gerada pela força e pela cor racial³ desajustava o equilíbrio da harmonia nacional. Como vimos, o poeta português mira-se nos objetivos culturais e educadores, e intensifica a atuação no campo da política, abrindo-se para os valores da cidadania portuguesa.

Dentre vários conceitos culturais, Fernando Pessoa destacara aquele de “alimento mental”, emoldurando a atividade nutridora, na qual o homem culto desenvolvia a “capacidade de assimilar cultura e de transmutar as influên-

cias culturais e espirituais. Nesse rastro de informações, o escritor distinguira “três tipos de culturas”: da “erudição”, da “experiência translata” e daquela motivada pelos “interesses intelectuais”. Ao aprimorar essas declarações, Pessoa servira-se de três escritores que também foram seus influenciadores: Milton, simbolizando

A conjugação de saberes culturais exemplava-se na função conceitual da Escola, que operava os valores formativos, revertidos na construção de uma "Super-Nação Futura".

uma preparação cultural consciente, direcionado à realização poética; Shakespeare, que num modo “involuntário” conduzira a erudição, embora não amparada pela “grande preparação de estudos”, e por último Goethe, que possuía uma “variedade de interesses”, expostos na abrangência das artes e das ciências, entretanto, ele carecia da erudição de Milton e da “ultra-assimilação” de Shakespeare. Desse modo, Goethe “compensava na universalidade o que perdia em profundidade e absorção”⁴.

Os fios que tecem o entendimento das acumulações culturais pessoais são tramados às posições políticas e ideológicas da espaço - temporalidade da Renascença, época das confluências, onde vários movimentos intelectivos, científicos e religiosos desencadearam o processo da “separação das nacionalidades”. Esta confluência de idéias é aproveitada por Pessoa, ao demonstrar a constituição separatista dos três grupos civilizacionais europeus: o nórdico, o

³ Joel Serrão (Org.) *Fernando Pessoa sobre Portugal - Introdução ao problema nacional*. In: Espólio E³ 125-A-11; 125 A-12; pp. 238, 239.

⁴ As aspas referem-se aos discursos de Fernando Pessoa, retirados da *Obra em prosa*, sob o subtítulo de enfeite da Aguilar [“O poeta e a cultura.”], p. 267.

neolatino e o ibérico, condutores das suas especificidades culturais, alicerçadas em convicções religiosas. Logo, os grupos também tinham desenvolvido os fundamentos espirituais das civilizações⁵, perante as explorações expansionistas do monoteísmo, cristianismo, islamismo e do protestantismo.

Na Península Ibérica existiam duas correntes com culturas religiosas - o crescimento e o maometanismo, sendo esta última responsável pela inclinação do saber científico.

Evidencia-se nesse largo percurso cultural a participação decisiva das religiões, imprimindo nos três grupos civilizacionais as seguintes ramificações religiosas: no primeiro grupo, formado pela influência do cristianismo, via-se o paganismo localizado nas culturas geográficas da Inglaterra, da Alemanha e dos países escandinavos, nos quais o cristismo havia se fragmentado no protestantismo. No segundo grupo, denominado de neolatino, compareceram a França, a Itália e outras nações, como a Romênia, a Bélgica e a Suíça, que constituíram o “sistema católico tradicional”. No terceiro grupo, estava o Ibérico, dividido em “três nações reais, duas políticas, de que a Península Ibérica é formada” [sic].

A civilização árabe, de acordo com o pensamento de Pessoa, deixara um legado científico, que repercutira no aproveitamento do “objetivismo grego”, mas que Roma (catolicismo) desvirtuara, devido às constantes interferências nas culturas dos povos. Dessa maneira, na

Península Ibérica existiam duas correntes com culturas religiosas – o cristismo e o maometanismo, sendo esta última responsável pela inclinação do saber científico, que havia sido o orientador do desejo das descobertas marítimas. Pessoa explica a queda do Império Otomano identificando-a numa espécie

de resíduo instigador do fanatismo religioso, instalado na forma “cristista do Catolicismo selvagem”, cujo resultado fora a Inquisição.⁶

Evidencia-se, claramente, tanto no discurso ortônimo de Pessoa como no discurso do seu heterônimo António Mora, o refluorescimento das verdadeiras idéias culturais pagãs, oriundas da Grécia. Fernando Pessoa elegera esse modelo civilizacional, ao embasar a sua produção intelectual-estética nessa passagem histórica. A eficácia dos valores culturais gregos devia-se ao trabalho intelectual com bases na perspicuidade, na nitidez de propósitos, praticados pelas crenças míticas e pelo desenvolvimento teórico utilizados nas articulações da Filosofia da Natureza. Com esse alicerce de sustentação cultural, Pessoa transportara as suas idéias filosóficas aos valores imanentes do “panteísmo transcendental”. Portanto, essas considerações nos ajudam a interpretar e a contextualizar as críticas contundentes que Pessoa fizera ao “baixo materialismo cristista Católico”. Como se percebe, o escritor faz advertências, analisa os resultados transgressores e interven-tores, que a cultura do cristianismo

⁵ Fernando Pessoa ferrenho crítico contra a Igreja Católica, devido as interferências políticas desta instituição religiosa, principalmente na Península Ibérica, demonstradas no texto [“A Cisão do cristismo”] e por meio da voz do filósofo António Mora em [“Crististas divididos”], (Fernando Pessoa, *Obra em prosa*, pp. 190-192).

⁶ *Obra em prosa*. In: [“Condições climáticas e históricas na vida dos povos] et [“Grupos civilizacionais da Europa e respectivas religiões”], pp. 202-203.

impusera, ao divulgar a idéia equivocada que, no paganismo havia uma “ausência de religião”.

Se analisarmos o compromisso da Filosofia da Imanência, na espiritualidade de Pessoa, interpretaremos melhor os seguintes objetivos do escritor:

(...) como o paganismo foi a antiga fé das culturas que animam a nossa civilização, passou a ser possível não só repensar, mas até reconstruir, o paganismo. Uma nova era pagã se tornou possível. (...) o paganismo designa um sistema religioso completo.

(...) O paganismo nem é materialista nem é estreito: é simplesmente o conceito do universo que estabelece, acima de tudo, a existência de um Destino implacável e abstrato, a que homens e deuses estão igualmente sujeitos.

(...) O transcendentalismo panteísta envolve e transcende todos os sistemas: matéria e espírito são para eles reais e irreais ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente.⁷

Faz-se necessário agregar o entendimento de Pessoa sobre a visão pagã, de acordo com os pressupostos comparatistas multiculturais, refletindo-se nas ideologias, nas concepções políticas e nas demandas sociais. Esse alargamento de preocupações analíticas caracterizou-se na produção teórica e filosófica de Pessoa, repercutindo na produção literária direcionada aos interesses do movimento da estética sensacionista, marco relevante das vanguardas portuguesas, assinalado entre os anos de 1913 a 1917. Para lembrar a introjeção da Filosofia do “panteísmo transcendental”, é bom se

considerar a coleta dos textos pessoais, publicados por Luís Filipe Teixeira, na obra *Fernando Pessoa e o ideal neo-pagão*⁸, de 1996.

Outro ponto de apoio cultural, com convergências econômicas, pode ser constatado no arranjo da entrevista ficcional, que Pessoa articulava através da autoria do heterônimo Álvaro de Campos⁹, demonstrando o funcionamento da vida financeira da Europa. Esses discursos localizados na espaço-temporalidade inglesa, em New-Castle, revelam a desenvoltura da personalidade moderna de Álvaro de Campos, a sua cultura de engenheiro naval absorvendo o tecnicismo europeu, encenado no palco das representações do “grande conflito industrial e financeiro”. Vê-se a sintomatologia esquizofrênica do progresso, circundando a decadência, a ruptura dos valores humanos. Campos denuncia o movimento ideológico subterrâneo da política ditatorial, que impunha a frenética compulsão das vias da globalização e da internacionalização, oferecendo a esperança de uma propaganda “fraternal”, direcionada pela es-

No palco das representações do grande conflito industrial e financeiro, vê-se a sintomatologia esquizofrênica do progresso, circundando a decadência, a ruptura dos valores humanos.

peculação dos Bancos. Sob o disfarce panfletário da “fraternidade, igualdade e liberdade”, instigando-se na abertura

⁷ Essa contextualização filosófico-religiosa, está nas articulações pessoais dos textos: [“Uma nova crítica menos restrita do cristianismo”] et *A Nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*. Cap. VI, pp.195, 393. Ainda é interessante verificar se a “Explicação de um texto”: [*Mensagem*], pp. 70-71. In: *Obra em prosa*. Observe-se nas declarações desses textos os posicionamentos do heterônimo/filósofo António Mora.

⁸ Sobre o assunto paganismo, a coleta de textos da revisão criteriosa de Luís Filipe B. Teixeira ficou estabelecida em *Fernando Pessoa e o ideal neo-pagão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, ACARTE, 1996. In: *Fragments do Espólio sob as seguintes cotas: E³ 21-20^{F-V}; 20^V; 106^V*, pp. 56,57,38.

⁹ *Obra em prosa*. In: [“A Crise européia e o futuro império de Israel”], pp. 158-159. Texto elaborado pelo discurso de Álvaro de Campos, que ficcionalmente concede uma “entrevista sensacional”, com “Pontos de vista originalíssimos”.

das fronteiras nacionais do mundo capitalizado, a farsa da cooperação mútua internacional ditava os seus modelos invasivos, cuja conseqüência dramática era o processo ficcional que as sociedades nacionais conviviam. Álvaro de Campos salienta o engodo encenado pela “Família” e pelo “Estado”, favorecendo o expansionismo mercadológico, e para tal fim escatológico subjugavam-se as sensações humanas, não respeitando as diferenças espirituais e nem mesmo as diferenças culturais das nações.

O heterônimo de Pessoa se detém no cenário político e econômico para demonstrar como “a plutocracia industrial e banqueira” agiam nos destinos e na vida de “todas pátrias”, resultando um comando por meio de uma rede de ações indefinidas e invisíveis, cujo paradoxo recobria o clichê do *Frankfurter Bund*, derivado da “Internacional Financeira”. A modernidade profética de Álvaro de Campos é até hoje audível, quando os povos estão subjugados à ferocidade compulsiva do Mercado Globalizado, que age na rede invisível, determinando os ganhos financeiros adquiridos na histórica

ções filosófico-míticas de Platão, desenvolvidas nos diálogos das obras do *Timeu* e do *Crítias*. Nesse sentido, são reiterados os princípios do “Uno” e da “Alma do Mundo”, transportando de maneira simbólica a idéia do simulacro da globalização. Os sinais da reinterpretção anunciada por Pessoa anteciparam a diatribe ditatorial dos meios de comunicação, a compulsão do mercado financeiro, invadindo os espaços invisíveis e incomensuráveis dos trajetos da rede da *Internet*. Portanto, o escritor português transmite e empresta os exemplos convvidos nas quatro primeiras décadas do século XX.

A perplexidade perante a morte das ideologias, segundo Pessoa, era apenas uma reação, uma forma de poder que escamoteava a permanência da equivocada ideologia, inaugurada pelo lema da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, que na verdade, ainda, prosperava sob novos influxos e versões. Vejamos as palavras de Pessoa / Campos para sentirmos na referida “entrevista sensacional” – como era a situação européia, por volta de 1919, e desta maneira per-

ceberemos o expansionismo do imperialismo tecnológico presente nos atuais momentos:

A Estada ocasional em Lisboa, vindo de Newcastle-upon-Tyne, de Álvaro de Campos, engenheiro naval da

Casa Forsyth é um dos mais célebres colaboradores do celebrado *Orpheu*.

(...) A Europa é hoje o teatro de um grande conflito, de um conflito ligeiramente triangular. Estão em guerra, no mundo, duas grandes forças – a plutocracia industrial e a plutocracia financeira. A plutocracia industrial com o seu tipo de mentalidade organizadora, a plutocracia financeira com o seu tipo de mentalidade especulativa; a industrial com a sua índole mais ou menos nacionalista, porque a indústria tem raízes, e liga portanto com as outras forças que as têm, a financeira com a sua índole mais ou menos internacional, porque não tem raízes, e não liga portanto senão consigo mesma, ou, então, só com aquela raça

O heterônimo de Pessoa se detém no cenário político e econômico para demonstrar como "a plutocracia industrial e banqueira" agiam nos destinos e na vida de "todas pátrias".

“Bolsa Global de Valores”. Álvaro de Campos previu a ditadura tecnológica, a vulnerabilidade dos recursos humanos, produtivos e financeiros, especialmente, aqueles evidenciados nos seus discursos do *Ultimatum*, que registra a “Falência de tudo por causa de todos!”. Essas denúncias continuam no cotidiano contemporâneo, sobretudo, quando o “Cassino Digital” determina os valores e a vida internacional. Observamos nas idéias filosóficas de Pessoa as correla-

praticamente privilegiada que, através da finança internacional, se pode dizer que hoje, sem ter pátria, governa e dirige as pátrias todas.

(...) Não há movimento nenhum de ordem radical que não seja movido, em última causa, pelo Frankfurter Bund, ou por qualquer outro organismo derivado da Internacional Financeira, que é a autêntica internacional. Os operários são todos uns idiotas, e os seus chefes, ou idiotas também, ou loucos; todos são elementos essencialmente sugestionáveis, instrumentos inconscientes.

(...) todas as civilizações, parece, nascem de um domínio de uma nação sobre outra, de uma classe sobre outra (sic) (Pessoa, 1990: 156, 158, 160).

Na seqüência des-

sas denúncias, outro escritor português, o Nobel de Literatura de 1998, José Saramago, leitor e recriador intérprete de Fernando Pessoa, traduz no seu romance de 1995, *Ensaio sobre a cegueira*, os aspectos degenerativos, produzidos pelo poder virtual do capital financeiro. O enredo elaborado com um repertório de elementos da ficção-científica, encaminha reflexões filosóficas, emite um alerta existencial e trabalha a valorização dos sentidos do olhar. A encenação do exuberante caos literário atravessa um processo acumulativo de reações, que são contadas em pequenas histórias, com a participação de inúmeros personagens e figurantes. Os relatos descrevem, minuciosamente, o encadeamento manipulador de um poder oculto, uma rede que atua sem nome e sem endereço, mas que tem a capacidade de conduzir a perda da consciência e do senso crítico. A trama constrói o avanço inexorável do poder financeiro, invadindo de maneira esquizofrênica a vida de uma população, que se torna vítima de um mero número de cartão digital, que se autodevora, gerando o descontrole total, mediante o seu famigerado processo virtual.

Lembrando as críticas constantemente repetidas por Saramago, o *Ensaio*

sobre a cegueira reflete e denuncia um “Planeta doentio” e “sem remédio”. O visionarismo dos ensaios de Fernando Pessoa tem repercussões no romance-ensaio de José Saramago. Ambos os escritores nos permitem avaliar – como a arte literária propicia condições de se estabelecer um caminho profícuo de reflexões a serviço da educação, pois im-

Os relatos descrevem o encadeamento manipulador de um poder oculto, uma rede sem nome e sem endereço, mas que tem a capacidade de conduzir a perda da consciência e do senso crítico.

prime um trabalho de ensino que espelha as abrangências ilustrativas e interativas, expandindo os trânsitos multiculturais e multidisciplinares. Os objetos literários desses escritores são estímulos vivos de como se concretizar e entrelaçar as influências do imaginário na capacidade interativa da consciência, esta recuperando os valores da dignidade humana. Nesse sentido, vale ressaltar as concepções de Pessoa voltadas ao exercício literário, integrado à “Imaginação, Realidade, Abstração, Sensação e à Consciência”, princípios permanentemente reiterados nos apontamentos estésicos.

A experiência pessoana no trato das questões culturais e econômicas foi exemplar nos seus ensaios e obras literárias vistas nos *Contos de raciocínio: o banqueiro anarquista*. O escritor revelou essa capacidade peculiar de pensar e de refletir sobre esses temas, em outro texto, no estudo: *A Essência do comércio*, inserido nos apontamentos que constituem a “Teoria e a Prática do Comércio”. Não se pode olvidar que Pessoa convivera como empregado nas empresas de Importação e Exportação e conheceu esse metiê como proprietário. Ainda, com esse sintoma temático-

escritural, entre os anos de 1913 a 1935, sob o disfarce do “guarda-livros Bernardo Soares”, o poeta realizou as anotações que produziram o diário do *Livro do Desassossego*. Esta obra ficcional e memorialística transpõe, paulatinamente, os momentos vivenciados pela escrita pessoana, que tem a peculiaridade

As idéias estéticas salientaram a velocidade das comunicações e dos desajustes psíquicos.

autoral-heteronímica grafada por Bernardo Soares. Outro suporte avaliador são as correspondências comerciais emitidas por Fernando Pessoa, que servem para documentar a convivência do escritor nos meios comerciais, cujo trabalho de recolha das cartas foi executado em 1996¹⁰, pela pesquisadora Manuela Parreira da Silva.

De acordo com o movimento da revista *Orpheu*, as idéias estéticas do sensacionismo salientaram as demandas da velocidade das comunicações e dos desajustes psíquicos, sublinhados nestas declarações de Pessoa: “em cada homem moderno há um neurastênico, que tem que trabalhar, a hiperexcitação passou a ser regra” [sic]. As análises intensificaram o envolvimento das sociedades cosmopolitas, privilegiando e sacralizando os eventos em torno da velocidade das comunicações e da prática do internacionalismo, cujo resultado causara a invasão, o rompimento das fronteiras geográficas e culturais. Por consequência dessa desadaptação, a at-

mosfera produzida pela decadência e pela degradação social fora acompanhada pelo avanço político-mercantilista, que tinha a peculiaridade de dissolver o caráter das diferenças nacionais.¹¹

Fernando Pessoa demonstrara na formação do ideário da estética sensacionista as marcas influenciadoras e interferidoras dos componentes relacionais da vida moderna, de maneira que os avanços do progresso científico traziam conflitos que geravam a desadaptação da

vida social. Assim, a vida moderna, ao perseguir o internacionalismo e o cosmopolitismo desalojava as populações, de maneira a provocar a emigração e o constante mal-estar civilizacional. Também os processos de instalação industrial e comercial, movidos pelas demandas da importação e da exportação expandiam os efeitos característicos, vistos nas sociedades modernas, envolvidas com a fórmula típica do internacionalismo.¹²

Ao se demonstrar os conteúdos discursivos das reflexões pessoais, no terreno internacional, constata-se a injunção da prática multidisciplinar e as conexões multiculturais inspiradas na subjetividade humanística.

Essa aptidão para a realização das idéias sincréticas é demarcada desde os primeiros ensaios de Fernando Pessoa, registrados na revista *A Águia*, em 1912, quando o poeta contrastou o desenvolvimento artístico da Inglaterra, Alemanha e da França, através dos processos de conscientização nacional. Com

¹⁰ Manuela Parreira da Silva. *Fernando Pessoa correspondência inédita*. In: “Cartas de negócios”. Lisboa: Livros Horizonte, 1996, pp. 163-195.

¹¹ *Obra em prosa*. In: “Os Fundamentos do sensacionismo”, pp. 434-438.

¹² Idem. In: “Sensacionismo – “O Capítulo sobre a relação entre a arte moderna e a vida moderna”, pp. 438-441. Texto provável de 1916.

esse modelo artístico, político e cultural Fernando Pessoa endossara as idéias artísticas estabelecidas pelo movimento da Renascença Portuguesa, na revista *A Águia*, idealizada pelo escritor Teixeira de Pascoais. Os conteúdos programáticos desse periódico vislumbravam um futuro promissor, no qual a Nova Literatura Portuguesa era “absolutamente nacional”, porque reavivava os verdadeiros princípios da tradição lusitana (Pessoa, 1990: 366).

No decorrer dos anos, Fernando Pessoa aprofundara as análises das influências internacionais nas culturas dos povos, dentre esses assuntos encontra-se o fragmento E³ 54 – A, do seu Espólio, onde se expõem as formas pelas quais o internacionalismo agia, através das três variáveis: a primeira, a do “Internacionalismo Cultural”, revelando a sua superioridade, já que não necessitava se embasar em identidades ou instituições com realidades estabelecidas; a segunda, a do “Internacionalismo Sentimental”, que se excedia, ultrapassando a realidade e a temporalidade. Por último, a terceira variável do “Internacionalismo Religioso”, cujas características estavam nos procedimentos da Teosofia, do Espiritismo e de outras doutrinas. Observa-se que sob o carisma ideológico da irmandade, impunha-se a prática da ideologia, na qual todos se tornariam irmãos, sem distinção de raça, pátria, sexo ou cor. Entretanto, o escritor português esclarece que, nessas manifestações classificadas em sistemas, continham os “princípios certos”, porém, tinham sido retiradas as “conclusões erradas”.

Bastante interessantes são as proposições conceituais referentes ao “Internacionalismo Cultural” e ao “Internacionalismo Puro”, visto que

Pessoa distinguira duas espécies de internacionalismos. Assim, o “Internacionalismo Cultural” era superior aos demais, porque ultrapassava a todas as pátrias, enquanto o “Internacionalismo Puro” possuía princípios supranacionais, mas que não envolviam as questões de penetrações ideológicas. Portanto, esse “purismo” cultural, mesmo sendo paradoxal, vê-se nas declarações pessoais, no aforisma: “A cultura não tem pátria porque tem todas”.

Estes depoimentos interligam-se às ressonâncias da difusão do messianismo, projetado no pensamento do “Quinto Império”, que mantinha a desenvoltura da especulação das idéias inseridas na cultura; enquanto o conceito de “pátria” pertencia à esfera acional, num contexto de sobrevivência vital. É bom esclarecer: – Pessoa propôs o conceito de “pátria” ligado às significâncias de “Nação”, em virtude desta função se manteriam vivos os acontecimentos do cotidiano. Diferente era a cultura do campo interativo, que se ocupava das idéias, sendo construções movidas pelas projeções abstratas.

*Internacionalismo cultural,
internacionalismo sentimental
e internacionalismo religioso.*

Pessoa distinguiu as atribuições do “Internacionalismo Puro” daquelas do “Internacionalismo simples”, pois considerou a cultura deste internacionalismo atingindo a vida econômica e política das nações, enquanto a cultura do “Internacionalismo Puro” era superior, porque não se veiculava à ditadura modelada pelos princípios ideológicos. É oportuno ter-se em mente, que, Fernando Pessoa escrevera um texto relevante, intitulado: *O Interregno – defesa e justificação da ditadura militar*

em Portugal, cujas reflexões situadas provavelmente nos escritos de 1928, observam as abrangências das inter-relações internacionais. O escritor verificara de que maneira os regimes políticos, especialmente, o regime comunista provocara um equívoco no povo Russo, quando em nome da “Igualdade” retirara a liberdade do indivíduo e praticara o mesmo erro ditatorial de outras nações, que haviam prejudicado, irremediavelmente, a verdadeira autonomia das comunicações nacionais.

Outros componentes com aplicabilidades distorcíveis, segundo a crítica de Fernando Pessoa, fora o advento dos “constitucionalismos” e do fraternalismo, originários da Revolução Francesa¹⁵, cuja propaganda penetrara nas nações, mas provocara interferências, transculturações e transgressões nos domínios nacionais dos povos. Para compreendermos essas críticas, devemos levar em conta as idéias filosóficas e as refutações que Pessoa fizera a certas instituições secretas e aos movimentos estéticos. Evidencia-se nesse itinerário pelos movimentos constitucionalistas a influência da corrupção movida pelo catolicismo, que sempre desejara rea-

impraticável em determinadas civilizações, sobretudo, naquelas constituídas pelos fortes alicerces da tradição aristocrata.

Fernando Pessoa expressou essas críticas contundentes contra a prática do fraternalismo igualitário, dissidente da Revolução Francesa, ao analisar o estabelecimento dos “constitucionalismos”, que desrespeitaram o sentimento genuíno das nacionalidades. São nos textos filosóficos e estéticos de Pessoa que aparecem, explicitamente, essas reflexões referendadas ao lema da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. As leituras feitas pelo escritor, na História das Sociedades Secretas e no Catolicismo permitem avaliar de que maneira o exercício institucional do poder do Estado viu-se contaminado pelos idealismos das fontes movidas pelas Ordens Secretas. Esse poder oculto se fizera sentir nos conflitos sociais e na política, cujo exemplo eloqüente acontecera na disputa pelo Reino de Portugal, entre D. Miguel e de D. Pedro IV, a partir dos anos de 1817 até 1835. Nessa ocasião foram imolados os “pedreiros-livres”; acontecera a caça às instituições secretas, quando os liberais foram sistematicamente perseguidos.

A capacidade perspicaz de Pessoa dirigiu-se à complexidade da interpenetração dos aspectos culturais regionais, estes intro-

jetados às ligações internacionais, mediante o exemplo da vida nacional portuguesa. Essa abordagem analítica evidencia-se na recolha dos textos do Espólio pessoano, nos fragmentos colhidos por 20 pesquisadores, na obra *Pes-*

As diferenças nacionais não tinham sido respeitadas pelo expansionismo liberal.

ver o poder perdido sobre as nações. Na decorrência desse conflito surgiram as próprias diferenças nacionais, que não tinham sido respeitadas pelo expansionismo liberal dos modelos franceses. Logo, o processo legislador tornara-se

¹⁵ Sobre a Revolução Francesa, dentre inúmeras passagens escritas por Fernando Pessoa encontram-se os seguintes textos: “Classicismo; o sentido do classicismo; Neoclassicismo e romantismo”; *A Nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*. [“Arte e emoção”, “A Ideologia judaica”, (Fernando Pessoa. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1990), pp.289-291; 363-365; 231; 566-568.

soa *Inédito*¹⁴, onde se expõe o revelador discurso:

O nacionalismo é um patriotismo activo. Pretende defender a patria das influencias que possam perverter a sua índole propria, venham essas influencias de dentro, como certos regionalismos, venham de fora, como certos estrangeirismos ou internacionalismos. Há porém regionalismos que não só são inoffensivos mas proveitosos à nação, ha também influencias estrangeiras e internacionaes que são uteis e aproveitaveis. O caso é que umas e outras sejam assimiladas, isto é, convertidas na substancia da índole nacional [sic] (Lopes, 1993: 240-241).

Estas idéias podem ser encontradas em outros apontamentos, nos quais

Fernando Pessoa se detém nas categorias do universal e do nacional, interagindo na política expansionista de Portugal¹⁵ e na vocação patriótica demonstrada pela aplicabilidade da categoria de “Nação”. Robert Bréchon¹⁶, ao realizar a pesquisa biográfica sobre Fernando Pessoa, colheu nas cartas deste escritor a correspondência enviada a Francisco Lopes, emitida entre os meses de abril a junho de 1919. Os conteúdos nos dão notícias dos interesses difusores da “criação de uma cultura portuguesa”, voltada às questões universais. A carta propõe o encontro de um grupo de intelectuais, que deveria propagar a vida nacional portuguesa, e “criar um *Weltanschauung* português (...) mas no velho sentido helênico de uma cultura universal portuguesa”.

Não se poderia deixar de enfatizar as inserções multiculturais e multidisciplinares de Fernando Pessoa nos campos esotéricos e ocultistas, cujas marcas se sobressaíram nos estudos efetivados na Teosofia, na Cabala e na Astrologia. O ano de 1915 ganha relevo especial na biografia de Fernando Pessoa, pois além da sua dedicação idealizadora ao movimento artístico do

Não se poderia deixar de enfatizar as inserções multiculturais e multidisciplinares de Fernando Pessoa nos campos esotéricos e ocultistas.

Modernismo de *Orpheu*, o poeta estabeleceu entre 1914 a 1916 os textos geniais das autorias heteronímias de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e de António Mora. Nesse período, Pessoa dedicara-se, também, à tradução de seis obras teosóficas¹⁷. Decorrem dessas leituras os seus iniciais conhecimentos gnósticos e a conseqüente entrega aos estudos e aos apontamentos sobre os rituais religiosos.

Pessoa dedicou grande parte de sua vida às investigações teosóficas; penetrou no conhecimento dos saberes arcaicos da tradição da Cabala Judaica; verificou os erros cometidos pelas Ordens Secretas, e portanto, compreendeu as interferências plasmadoras multiculturais introjetadas em torno de 15 civilizações. Esse vasto campo de

¹⁴ Teresa Rita Lopes. (Coord.). *Pessoa inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

¹⁵ Idem. In: Espólio E³ 125 A-57 até 57-60, p.231.

¹⁶ Robert Bréchon. *Estranho estrangeiro - Uma biografia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Livros Quetzal, 1996, pp. 365-366.

¹⁷ As seis obras traduzidas por Pessoa: C. W. Leadbeater, *Compêndio de teosofia*, Lisboa, Clássica Ed., 1915; Annie Besant, *Os Ideais da teosofia*, Lisboa, Clássica Ed., 1915; C. W. Leadbeater, *A Clarividência*, Lisboa, Clássica Ed., 1916; C. W. Leadbeater, *Auxiliares invisíveis*, Lisboa, Clássica Ed., 1916; *A Voz do silêncio e outros fragmentos selectos do livro de preceitos áureos*. Trad. para o inglês e anotado por H. P. Blavatsky. Lisboa, Clássica Ed., 1916; *Luz sobre o caminho e o karma*, Lisboa, Clássica Ed., v.8, 1916.

estudos sobre as culturas e as religiões do Egito, Índia, China, Pérsia e Grécia trouxe repercussões na formação do pensamento heurístico de Pessoa, voltado a reformular, reinterpretar as idéias, a fim de torná-las holísticas. Ao estudar os trânsitos gnósticos, empreendeu a sua própria identidade espiritual,

A relevância dos conhecimentos ocultistas e herméticos, sobretudo, da Teosofia e das Ordens Secretas, na vida de Fernando Pessoa, foi reconhecida no âmbito mundial.

conferindo-se à tradição dos Templários, e nesse afã compreendeu o valor da penetração das Ordens Iniciáticas, no terreno da Palestina –, vínculos espirituais movimentados entre as fronteiras Orientais e Ocidentais, transpostas ao cenário cultural lusitano.

A tendência em abarcar os múltiplos elementos e os conceitos filosóficos: “as partes”, o “todo”, o “particular e o universal” possibilitou o desenvolvimento de sua extraordinária missão teórica – a criação estética do sensacionismo, que se incorporou de todos os estilos, de todas as épocas artísticas, de todas as sensações, filosofias e correntes estéticas – ou seja: “sentir tudo de várias maneiras”, e para tal direção partiu do apoio hermenêutico da Teosofia.

A relevância dos conhecimentos ocultistas e herméticos, sobretudo, da Teosofia e das Ordens Secretas, na vida de Fernando Pessoa, foi reconhecida no âmbito mundial, e assume proporções

consideráveis, vista no interesse dos pesquisadores, nas teses de mestrado e doutorado¹⁸, que desenvolveram as investigações desses campos de interação multidisciplinar e multicultural. Um registro eloqüente da capacidade esotérica pessoana viu-se num dos seus últimos artigos, intitulado *A Maçonaria*,

escrito em 1935 e publicado em 4 de fevereiro, no *Diário de Notícias de Lisboa*. A mensagem longa é uma espécie de balanço histórico, no qual se constata o trata-

mento inquisitorial e persecutório dado pelo governo português às Instituições Esotéricas daquela época.. Expõe-se a interferência do Conselho de Ministros de Portugal, sendo alvo de um Projeto de Lei de autoria de José Cabral, proibindo o funcionamento das “Associações Secretas”, termo este que Pessoa critica, por ter sido empregado de maneira equivocada, e por isso bem demonstrava a ignorância política de Portugal, perante a importância das Ordens Secretas, nas relações e nos intercâmbios internacionais dos países e dos governos.

A monumental defesa de Fernando Pessoa a favor da liberdade dos credos gnósticos e das Ordens Secretas é um memorável documento multicultural, que apresenta o concurso da *Weltanschauung*, uma espécie de biblioteca universal dos saberes, nos quais se conservam a origem da cosmogênese, os princípios gnósticos, o repositório filosófico e mítico da humanidade. Este elo

¹⁸ Algumas das publicações sobre os temas esotéricos e ocultistas em Fernando Pessoa: Yvette K. Centeno, *Fernando Pessoa: o amor, a morte, a iniciação; Fernando Pessoa e a filosofia hermética; Fernando Pessoa: os trezentos e outros estudos; O Pensamento esotérico de Fernando Pessoa; Portugal: mitos revisitados* (Centeno et alii); Dalila L. Pereira da Costa, *O Esoterismo de Fernando Pessoa*; Joel Serrão (Org.) *Portugal – introdução ao problema nacional; Fernando Pessoa da República (1910-1935)*; António Quadros, *Portugal razão e mistério; Obra em prosa de Fernando Pessoa à procura da verdade oculta*; Pedro Teixeira da Mota (Coord.) *Fernando Pessoa Rósea-Cruz*; Jorge de Matos, *O Pensamento maçônico de Fernando Pessoa*.

multidisciplinar transmite a força revitalizadora da memória perdida, porém, reinterpretada nas ligações celestiais do ser humano com a representação primordial da “Alma do Mundo”, esta inerente a todos os povos, culturas e religiões. O texto *A Maçonaria* recompõe esse trajeto; é uma tentativa de abarcar a confluência das idéias multiculturais, cultivadas pelas heranças praticadas nas iniciações esotéricas, conforme percebemos no trajeto destas falas:

Se o Sr. José Cabral cuida que ele, ou a Assembléia Nacional, ou o Governo ou quem quer que seja, pode extinguir o Grande Oriente Lusitano, fique desde já desenganado. As Ordens Iniciáticas estão defendidas *ab origine symboli*, por condições e forças muito especiais que as tornam indestrutíveis *de fora*.

Existem hoje em atividade, em todo o mundo, cerca de seis milhões de maçons, dos quais

cerca de quatro milhões nos Estados Unidos e cerca de um milhão sob as diversas Obediências independentes do Império Britânico. O milhão restante, ou conta parecida, acha-se repartido pelas várias Grandes Obediências dos outros países do mundo, das quais a mais importante e influente é talvez o Grande Oriente da França.

(...) tomarei por exemplo a Grande Loja Unida da Inglaterra, não só pela importância que para nós têm as nossas relações com aquele país, mas também porque qualquer ação dessa Grande Loja – a Loja-Mãe do Universo, com cerca de 450.000 maçons em atividade – arrasta consigo todos os maçons de fala inglesa e todas as Obediências dos países protestantes. Do resto da Maçonaria não é preciso falar.

(...) A Maçonaria compõe-se de três elementos; o elemento iniciático, pelo qual é secreta; o elemento fraternal; e o elemento a que chamarei humano – isto é, o que resulta de ela ser composta por diversas espécies de homens, de diferentes graus de inteligência e cultura (Pessoa, 1990: 570, 572, 574, 575).

BIBLIOGRAFIA

- BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro – uma biografia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Livros Quetzal, 1996.
- CARVALHO, Luís Nandin de. *Teoria e prática da maçonaria*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- CENTENO, Yvette K. *O Pensamento esotérico de Fernando Pessoa*. Lisboa: Publ. Culturais Engrenagem, 1990.
- CENTENO, Yvette K. *Fernando Pessoa e a filosofia hermética*. Lisboa: Ed. Presença, 1985.
- CHISINI, Josenia Marisa. *A Estética sensacionista de Fernando Pessoa na prosa de Mário de Sá-Carneiro*. Assis: 2000, 506p. 2 Vs. Tese de doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade Estadual Paulista (Texto não estabelecido em publicação).
- COSTA, Dalila L. Pereira da. *O Esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto: Lello & Irmão, 1987.
- FRANÇA, José Augusto. *A Arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand, 1991.
- LOPES, Teresa Rita. (Coord.) *Pessoa inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- MATOS, Jorge de. *O Pensamento maçônico de Fernando Pessoa*. Lisboa: Hugin Editores, 1997.
- PESSOA, Fernando. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1990.
- REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- SARAIVA, Arnaldo. *Fernando Pessoa poeta – tradutor de poetas*. Porto: Lello Editores, 1996.
- SERRÃO, Joel. (Org.). *Fernando Pessoa sobre Portugal – introdução ao problema nacional*. Lisboa: Ática, 1979.
- SILVA, Manuela Parreira. *Fernando Pessoa correspondência inédita*. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.
- TABACARIA. Casa Fernando Pessoa. Lisboa: Contexto, fev., 1996. (Revista de poesia e artes plásticas).
- TEIXEIRA, Luís Filipe. *Fernando Pessoa e o ideal neo-pagão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, ACARTE, 1996.